

Knut Heim, Provérbios, Aula 7

Sabedoria Personificada Parte 2

© 2024 Knut Heim e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Knut Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios. Esta é a sessão número sete, metáforas e sabedoria personificada, parte dois.

Bem-vindo à aula sete sobre o livro bíblico de Provérbios.

Nesta palestra, examinaremos a segunda parte de nossa exploração da teoria da metáfora, a teoria moderna da metáfora. E também veremos vários outros textos importantes do livro de Provérbios nos quais a sabedoria é personificada. Então, deixe-me começar retomando a primeira parte sobre a teoria da metáfora.

E quero realmente começar explorando um pouco mais o tipo de insights inovadores que foram apresentados na terceira edição de *Metaphor and Thought*, publicada em 2008, agora intitulada *Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. E se você está interessado na teoria das metáforas, este é um volume fantástico. Isso não é barato, mas vale cada centavo para explorar realmente o que há de mais moderno ou próximo do que há de mais moderno na teoria da metáfora moderna.

Sinalizou uma imensa mudança de paradigma e foi editado por Raymond Gibbs, que, com razão, afirmou que era a mais abrangente coleção de ensaios sobre estudos multidisciplinares de metáforas já publicada. Gibbs observou que existe agora um enorme conjunto de trabalhos empíricos de muitas disciplinas acadêmicas que demonstram claramente a onipresença da metáfora tanto na linguagem cotidiana quanto na linguagem especializada, tanto no pensamento abstrato quanto nas experiências emocionais das pessoas. Estamos agora em condições de descrever de forma mais completa e realista a contribuição essencial que a metáfora dá à cognição, à comunicação e à cultura humanas.

Em particular, o estudo empírico da metáfora revela a sua importância para a teoria da mente e do significado, mostrando a proeminência dos pensamentos metafóricos na vida cotidiana. Gibbs observou, cito, a maravilhosa interação entre estudos básicos e aplicados, de tal forma que as descobertas sobre a maneira como as metáforas são empregadas em contextos do mundo real oferecem restrições importantes às teorias gerais da metáfora, final da citação. Existe agora um consenso crescente de que a metáfora fornece um componente essencial do sistema mais amplo de cognição e comunicação humana, levando a uma convicção crescente apoiada por evidências cada vez maiores de que a metáfora verbal e não-verbal não requer um esforço humano extraordinário para ser produzida e entendido.

Cito novamente Gibbs, a metáfora surge da interação de cérebros, corpos, línguas e cultura, e é predominante em outros domínios da experiência humana, incluindo gestos, arte e música. Isto, claro, contrasta com a reflexão tradicional sobre a metáfora, incluindo a maior parte da primeira edição e grande parte da segunda edição de *Metáfora e Pensamento*, publicada em 1979 e 1993, respectivamente, que se concentra em como as pessoas entendiam a nova linguagem metafórica com o implícito suposição de que a criação dessas figuras poéticas foi atribuída a indivíduos especiais com talentos artísticos significativos, como explica Gibbs. A atenção à forma como as metáforas são usadas por seres humanos reais em contextos naturais revela então o que Gibbs chama de paradoxo da metáfora, nomeadamente que as metáforas são simultaneamente comuns e espetaculares.

Para citá-lo novamente, a metáfora é criativa, nova, culturalmente sensível e nos permite transcender o mundano, ao mesmo tempo que está enraizada em padrões difundidos de experiência corporal comuns a todas as pessoas, final da citação. A metáfora tem o poder de remodelar a imaginação, a nossa imaginação. Tem a capacidade de criar novos modos de compreensão, muitas vezes acompanhados de prazeres estéticos especiais, enquanto metáforas poéticas criativas podem ao mesmo tempo ser extensões de esquemas duradouros de pensamento metafórico e não têm necessariamente de ser criadas de novo.

A pesquisa que se concentra no conceitual e incorpora a base para o pensamento metafórico pode estabelecer conexões entre o que é simultaneamente comum e espetacular na metáfora. Estas novas descobertas, então, conduziram-nos e conduziram-nos a um excitante estágio interdisciplinar nos estudos de metáforas. Quero agora explorar a moderna teoria da metáfora e a natureza metametafórica do discurso sobre a metáfora, esperem só.

Portanto, a metáfora é algo complexo de se pensar e compreender. Então, ironicamente, para compreender melhor as metáforas, somos reduzidos ou enriquecidos a usar a linguagem metafórica para compreendê-la. Aqui vamos nós.

Um exemplo tipicamente negativo de conversa metafórica sobre metáforas, ou conversa metametafórica, é uma descrição bem conhecida de metáforas feita por GB Caird, um estudioso bíblico altamente respeitado. É amplamente utilizado, na linguagem e nas imagens da Bíblia de 1980. E você percebe, é claro, que isso é pré-Lakehoff .

Caird enfatiza o significado da metáfora usando a analogia de uma lente. E devo dizer que esta analogia tem sido amplamente influente nos estudos bíblicos, mas penso que, infelizmente, tem sido muito prejudicial para a nossa apreciação de como as metáforas realmente funcionam. Mas aqui está a formulação de Caird.

Cito que quando olhamos para um objeto através de uma lente, nos concentramos no objeto e ignoramos a lente. A metáfora é uma lente. É como se o orador estivesse dizendo: olhe através disso e veja o que vi.

Algo que você nunca teria notado sem a lente. Esta explicação metametafórica do que é uma metáfora é ao mesmo tempo convincente em sua beleza e terrivelmente enganosa em sua obscuridade. É uma formulação particularmente eloquente, mas está errada.

Ela é informada pelo que tem sido frequentemente ou é frequentemente referido como a teoria do ornamento da metáfora. Embora Caird destaque corretamente que as metáforas permitem uma forma única de ver, o conceito expresso por meio da metáfora que seria impossível sem a metáfora, as próprias alegrias da sua metáfora para explicar a natureza e a função da metáfora são ironicamente enganosas. Ele diz que quando olhamos para um objeto através de uma lente, nos concentramos no objeto e ignoramos a lente.

No entanto, a própria afirmação, olhe através disto e veja algo que você nunca teria notado sem a lente, implica necessariamente que a própria expressão metafórica é indispensável e necessária para o processo cognitivo. A metametáfora de Caird também é enganosa por uma série de outras razões. Primeiro, uma metáfora geralmente não é usada para descrever algo que nunca se notou antes, mas para descrever algo que é conhecido, mas não bem compreendido.

Em segundo lugar, a maioria das lentes úteis para esse propósito nada mais faz do que ampliar. E assim só nos ajuda a ver o que já vimos sem ele, só que maior. Sim, podemos ver partes menores do objeto que são invisíveis à visão natural, mas isso é tudo.

E mesmo quando uma lente realmente nos ajuda a ver algo de forma diferente, é necessariamente uma lente defeituosa que distorce o objeto que contemplamos. Portanto, quero destacar que a expressão metafórica é absolutamente essencial tanto para o significado do que está sendo expresso quanto para o pensamento que é feito através do emprego da metáfora. E chamo isso de metaforicidade, o valor intrínseco e indispensável das expressões metafóricas por direito próprio, em oposição a afirmações como a de Caird que acabamos de examinar.

Por outro lado, sugiro que precisamos de nos ater à própria expressão metafórica para obtermos uma apreciação plena da sua contribuição para o que está a ser comunicado. E, de certa forma, tentei demonstrar isto na primeira parte do meu envolvimento com a personificação da sabedoria, especialmente no que diz respeito à metáfora da aquisição de sabedoria, tal como a explorámos anteriormente. Por sua vez, quero agora usar uma metametáfora para explicar o processo de comunicação metafórica.

A ideia é que uma expressão metafórica seja, espere, uma linha de pensamento. E você percebe como estou realmente empregando uma metametáfora que já é corrente na língua inglesa? Seguimos uma linha de pensamento, seguimos uma linha de pensamento, alimentamos uma linha de pensamento e assim por diante. Usamos essa expressão regularmente, precisamente para nos ajudar a pensar sobre o pensamento.

As metáforas podem ser comparadas a uma linha de pensamento que revive uma metáfora aparentemente morta. Não está morto. Na verdade, tem sido útil o tempo todo.

Eles convidam o viajante mental a embarcar e fazer uma viagem pela imaginação. Você vê como existe todo um sistema de outras metáforas ligadas a esta ideia sistemática de metáfora como uma linha de pensamento? Portanto, estamos numa viagem da imaginação onde os lugares-comuns associados à metáfora são, na verdade, marcos ao longo da estrada. A metáfora como uma linha de pensamento leva-nos numa viagem de descoberta durante a qual a nossa percepção e envolvimento com a entidade que a metáfora expressa é ampliado.

Venha comigo. O objeto de contemplação que esperamos compreender por meio da metáfora é o fim da viagem, o destino da nossa viagem mental. A passagem que escolhemos, aliás, é uma passagem de ida e volta.

Podemos viajar até o destino final da linha do pensamento e voltar novamente. No entanto, com o poder de viajar vem uma responsabilidade adicional. A linha de pensamento que escolhemos nos leva ao longo de uma trajetória, um caminho que é predeterminado pela natureza do veículo que escolhemos.

Outra metáfora. Este trem só nos levará até certo ponto e pode muito bem chegar um momento em que os pontos de referência se tornem desconhecidos e não haja mais lugares-comuns associados. Chegará um momento em que permanecer a bordo do trem nos afastará ainda mais do nosso objetivo de compreensão, em vez de nos aproximar dele.

Ficamos muito tempo no trem. Perdemos a nossa estação de saída. Eventualmente, percebemos que é hora de descer do trem.

Esta metáfora, o veículo que escolhemos, acertou na distância, aproximando-nos do destino da compreensão. Mas agora chegou a hora de mudar. Essa metáfora nos levou a uma estação de retransmissão mental onde podemos pegar um veículo diferente.

Quer seja outra linha de trem, isso é outra metáfora, ou um ônibus substituto, isso é uma comparação, um táxi, isso seria uma metonímia, ou um carro alugado, isso seria uma sinédoque. Isso nos aproximará ainda mais. Note-se que todos os veículos na minha meta-metáfora são modos de transporte público, uma escolha consciente para enfatizar que as metáforas são um bem comum.

Finalmente, porém, vale também a pena reflectir sobre aquela parte da viagem em que ficamos inseguros se deveríamos continuar no mesmo comboio ou fazer a mudança. Podemos desembarcar em qualquer ponto, mas quanto mais cedo o fizermos, menos certeza teremos se chegámos ou não tão perto do nosso objectivo como este comboio poderia de facto levar-nos. Assim, parece-me que permanecer mais tempo vale a pena e é, de facto, crucial para ultrapassar os limites da nossa compreensão.

Somente indo além dos marcos familiares, dos lugares comuns que todos reconhecem, seremos instantaneamente capazes de alcançar insights genuinamente novos. É uma situação em que todos ganham, pois mesmo quando o nosso comboio nos leva para além de onde queríamos ir, podemos, aqui a analogia metafórica com os comboios quebra um pouco, no mundo imaginário da viagem mental metafórica, desembarcar instantaneamente. Temos uma passagem de volta, lembre-se, e refaçamos nossa jornada saltando direto de volta para onde agora sabemos que deveríamos ter desembarcado e pegando outro meio de transporte metafórico para nos aproximar cada vez mais de nosso destino.

Então, esta é realmente a minha metametáfora de uma linha de pensamento para explicar a importância da metaforicidade. Nas teorias tradicionais de metáforas e suas aplicações, as metáforas eram dispensáveis, como a lente no exemplo de Kehr. Só aí, para enfeitar, fazer algo parecer um pouco mais interessante, mas realmente para ser eliminado o mais rápido possível.

Na nova compreensão da teoria da metáfora, a expressão metafórica é essencial para o progresso mental e cognitivo, e com razão. E assim, como explorarei na segunda parte da Aula 7, quando examinarmos outros textos sobre a personificação da sabedoria, tentaremos realmente permanecer e continuar a permanecer com a metáfora da personificação, a fim de nos ajudar a compreender a sabedoria e o processo intelectual. de se tornar sábio em um nível muito mais profundo do que até recentemente era possível. Na segunda parte da Aula 7, aplicaremos agora os conhecimentos adicionais que obtivemos sobre a teoria das metáforas em leituras adicionais dos principais textos de personificação no Livro de Provérbios.

Primeiro vamos ao capítulo 7, versículos 4 a 5, e para nos ajudar a seguir os argumentos, vou apenas ler esses dois versículos para você. Diga à sabedoria: você é minha irmã, e chame o discernimento de sua amiga íntima, para que eles possam mantê-la longe da mulher perdida, da adúltera com suas palavras suaves. A

sabedoria aqui é claramente personificada, mas a justaposição do imperativo nos versículos 4 a 5 com os três imperativos anteriores nos versículos 1 a 3, nomeadamente guardar e vincular os ensinamentos do Pai, sugere mais uma vez que a sabedoria aqui personifica os ensinamentos do Pai.

A personificação não se restringe apenas ao versículo 4, que diz, diga à sabedoria, você é minha irmã, e chame o discernimento de amiga, mas também continua no versículo 5, embora a forma verbal usada ali, um infinitivo, não seja especificamente feminina. Michael Fox, em seu comentário, forneceu um bom resumo do significado do versículo. Cito: O versículo fala da sabedoria como se ela fosse uma pessoa.

O como se é mantido no texto, em contraste com os capítulos 8 a 9, onde a sabedoria é consistentemente tratada como uma pessoa. Este versículo nos diz para nos relacionarmos com a sabedoria como pessoa, mas não a retrata como tal. O ponto de comparação é a natureza do próprio relacionamento.

Irmã, no Cântico dos Cânticos, e aliás nas canções de amor egípcias, é um termo carinhoso para a pessoa amada. Irmã, nesse sentido, estaria em forte contraponto ao relacionamento erótico ilegítimo descrito no restante do capítulo. Contudo, a irmã pode expressar intimidade e afeto sem conotar atração erótica.

Assim, no Cântico dos Cânticos e nas canções de amor egípcias, irmã é um termo carinhoso para a pessoa amada. Como o amigo na segunda linha do versículo também pode se referir a um amigo do sexo masculino, a conotação erótica de irmã não está em primeiro plano. No Cântico dos Cânticos, o termo irmã aparece quatro vezes, em 4:9, 10 e 12 e também em 5:1, cada vez na combinação, minha irmã, minha noiva, como o endereço do homem para sua amante.

Mas o termo gêmeo noiva não aparece em Provérbios e, portanto, a conotação erótica implícita na canção é ainda mais abafada aqui. Irmã pode significar simplesmente uma relação familiar ou de sangue. Mas Murphy, em seu comentário, pensou que, entre aspas, a linguagem é claramente erótica, e isso é suficiente para dar corpo ao simbolismo subjacente à passagem, aspas finais.

No entanto, como vimos, a linguagem é menos especificamente erótica do que no Cântico dos Cânticos, e mesmo aí é aludida através de poesia evocativa e não explicitamente. A irmã pode expressar intimidade e afeto sem implicar atração erótica, como observou Fox. No contexto de todo o capítulo, porém, um delicado tom romântico está presente, pelo menos no fundo.

Sugere uma alternativa positiva à relação ilegítima e abertamente erótica com a mulher estranha, desencorajada no resto do capítulo 7. Mais uma vez, a personificação permanece abertamente no nível literário. A feminilidade da sabedoria não é essencial para este caso particular de personificação. O versículo nos

encoraja a nos relacionarmos com a sabedoria como se fôssemos uma pessoa, mas não a retrata como tal, como sugeriu Fox.

O ponto de comparação é a natureza do próprio relacionamento. Amizade com um homem, carinho por uma irmã e amor romântico, cada um pode expressar igualmente bem o relacionamento recomendado. Significativamente, estas são relações igualitárias típicas entre humanos.

Isso é diferente do capítulo 1, versículos 22-33, capítulo 8, 1-36 e capítulo 9, que retratam um relacionamento assimétrico entre os humanos e a sabedoria totalmente personificada na forma da exaltada senhora sabedoria. Obrigado. Passamos agora para o capítulo 8 de Provérbios. É claro que este é um capítulo muito longo, com 36 versículos, e tudo isso em uma personificação muito extensa e elaborada.

Em uma palestra desse estilo, não podemos nos concentrar em cada versículo, mas destacarei uma série de observações na parte inicial do capítulo e depois focarei particularmente nos capítulos dos versículos 22, 30 e 32-36. Grande parte da minha discussão aqui será em diálogo e muitas vezes em afirmação ou crítica em relação ao excelente envolvimento de Bruce Waltke com o capítulo. Às vezes concordo, às vezes discordo dele.

Aprendi muito com o seu envolvimento, mas muitas vezes penso que a minha compreensão da teoria da metáfora me leva um ou dois passos além do que vi no trabalho de Waltke. Ao nos voltarmos para a investigação da personificação da sabedoria em Provérbios 8, três aspectos desempenham papéis vitais na sua interpretação. Primeiro, a personificação da sabedoria não é diferente das personificações dos capítulos anteriores.

Tudo o que foi dito nos capítulos 1 a 7 alimenta a percepção da sabedoria personificada apresentada aqui e vice-versa. Em segundo lugar, a sabedoria em Provérbios 8 é personificada em todo o capítulo, não apenas nos versículos 22-31, que desempenharam um papel extraordinariamente proeminente na história da recepção da sabedoria personificada. Assim, a investigação precisa analisar a sabedoria personificada no contexto de todo o capítulo.

No entanto, e este é o terceiro aspecto, as razões que levaram a uma história de recepção tão extraordinariamente rica dos versículos 22-31 precisam ser explicadas e levadas a sério na interpretação do capítulo como um todo e na sua contribuição para o rico tapeçaria de sabedoria personificada em Provérbios 1-9 como um todo. Já mencionamos isso: Provérbios 8 contém a mais longa e auspiciosa personificação da sabedoria de todo o livro. Os paralelos formais mais próximos ao auto-elogio da sabedoria personificada são os hinos mesopotâmicos nos quais uma divindade elogia a si mesma na primeira pessoa.

No contexto mais amplo de Provérbios 1-9, o discurso de sabedoria corresponde aos versículos 22-33 de Provérbios 1, como Waltke reconheceu. Cito, a personificação da sabedoria no portão da cidade é a penúltima perícopo do prólogo, equilibrando a personificação paralela na segunda desde o início. Os cenários, endereços e vocabulário desses dois discursos da sabedoria são semelhantes e suas conclusões contrastando os destinos daqueles que a ouvem com aqueles que a rejeitam também são semelhantes.

No entanto, Waltke também apontou diferenças entre a postura da sabedoria personificada em Provérbios 1 e Provérbios 8. Cito, em seu primeiro discurso aos crédulos, ela presumiu que eles a haviam rejeitado irrevogavelmente para que ela pudesse afirmar que não há um segundo chance após julgamento. Mas aqui ela ainda mantém aberta a eles uma oportunidade de prestar atenção e obter discernimento moral. Waltke parecia satisfeito em deixar as contradições e inconsistências de suas interpretações de 1-22-33 e 8-1-5 ficarem lado a lado.

Por outro lado, encontramos aqui um exemplo em que uma personificação anterior da sabedoria deve ser relida à luz de uma passagem posterior. Em particular, então, a aparente irrevogabilidade do destino dos jovens em Provérbios 1-20 a seguir não deve ser interpretada literalmente, mas precisa ser entendida como um exagero para efeito retórico. E agora quero dizer algo sobre a estrutura geral do discurso de sabedoria em Provérbios 8. Ele se divide em sete partes com uma introdução nos versículos 1 a 10, na verdade em duas partes, uma lição principal, nos versículos 11 a 31, caindo em quatro partes menores e uma conclusão, nos versículos 32-36, frequentemente ignorada nos estudos.

Bem, não completamente ignorado, mas não levado tão a sério como penso que deveria ser levado, como pretendo mostrar. O que se segue é uma ligeira adaptação do esboço de Waltke, que por sua vez adotou e adaptou a análise estrutural de Raymond van Leeuwen em seu comentário. Na verdade, não farei isto agora porque é em grande parte uma repetição de algo que já fiz, mas concentrar-me-ei novamente na análise estrutural de Waltke, que é particularmente útil no que diz respeito ao corpo principal do discurso da sabedoria personificada.

Cito, a Sabedoria desenvolve seu elogio, isto é, seu auto-elogio exuberantemente elevado, em duas metades iguais de dez versos. A primeira refere-se ao tempo histórico, versículos 12-21, e a segunda ao tempo primordial, versículos 22-31. A primeira apresenta os atributos transmissíveis da sabedoria, como conselho, compreensão e força, que permitem aos reis governar e que conferem riqueza e honra aos seus amantes.

A segunda diz respeito tanto à sua procriação divina antes do resto da criação, conferindo-lhe patente nobreza, competência e autoridade, como ao seu deleite na forma como o Senhor criou o cosmos, abrigando a terra habitada, nos versículos 22-

31. Os versículos iniciais apresentam a sabedoria personificada como o orador, que expressa as declarações no restante do capítulo. Há tantas declarações notáveis sobre o caráter e o status únicos da sabedoria personificada, que uma lista de breves resumos talvez seja a melhor maneira de apresentar os dados.

Primeiro, a localização da sabedoria e seu público nos versículos 1-4. Ela se posiciona dentro da cidade, nos principais cruzamentos e nos portões da cidade, por onde todos devem passar e onde ela pode ser melhor ouvida pelo maior número de pessoas possível. O seu apelo é prático e tangível, mas ao mesmo tempo universal, apelando não apenas aos cidadãos da cidade, mas também aos visitantes e viajantes, a todos os que estão ao alcance da sua voz.

É possível que o versículo 2 se refira às estradas principais do campo aberto. Ao contrário do que se esperava, o discurso da sabedoria não se dirige especificamente aos homens, apesar do discurso masculino plural. A forma plural é o plural fenício regular, como Waltke apontou, mas a escolha da variação incomum deve ser entendida como um plural masculino genérico, dirigindo-se às pessoas em geral.

Esta interpretação é apoiada pela segunda meia linha, onde a expressão filhos de Adão significa a humanidade em geral, homem e mulher, jovens e velhos, ricos e pobres, israelitas e estrangeiros. A frase reaparece no versículo 31 e enquadra assim o discurso da Sabedoria. Por mais elevados que sejam sua origem e status, a sabedoria se preocupa com as pessoas, mesmo as menos dignas, e as procura.

Esta declaração foi retirada do comentário de Michael Fox. A sabedoria apresenta a sua mensagem a todos, e ela a apresenta onde a competição é mais acirrada, não a competição de outros oradores, mas a partir das distrações cotidianas dos negócios, da política e das disputas. Longe de ser esotérica ou acadêmica, a sabedoria mergulha no meio desta agitação para alcançar as pessoas onde elas estão, novamente usando palavras do comentário de Michael Fox.

Uma declaração semelhante pode ser encontrada no comentário de Waltke. O sábio que transmite a herança de Salomão não se enclausura num mosteiro, num círculo esotérico de pessoas cultas ou religiosas, nem sequer exclusivamente na sua casa. Em vez disso, talvez como um ancião no portão, ele se faz ouvir no mercado onde a competição pelos corações das pessoas é mais acirrada.

Concordo com isso, mas acho que Waltke se permitiu escorregar para uma linguagem masculina aqui, reduzindo e desmetaforizando a personificação da sabedoria feminina nas palavras do sábio masculino. Novamente, creio, um daqueles erros típicos de uma compreensão anterior da metáfora, onde a personificação feminina é vista como incidental ao significado do que está sendo dito. A circunstância de a sabedoria aqui se dirigir a todos, incluindo as mulheres, a meu ver,

constitui um desenvolvimento significativo desde a abertura do livro, que se dirige exclusivamente aos homens.

Embora muitos, embora não todos, dos conselhos práticos nos capítulos 10 a 31 seguintes de Provérbios continuem a se concentrar no público masculino, o discurso central da sabedoria personificada no livro é dirigido a todos. Provérbios 8.14-16 confirma isso em dois aspectos. Por um lado, os termos que designam várias figuras poderosas abrangem todos os governantes, não apenas os israelitas.

Por outro lado, estes governantes não são os beneficiários exclusivos da generosidade da sabedoria personificada, como observou Waltke. Cite-o, lembre-se de que ela se dirige ao homem comum, não a uma elite. Que sucesso os príncipes têm em seu bom governo.

A sabedoria promete *mutatis mutandis* a todos os seus amantes. Fim da citação. Assim, acabamos de examinar a localização da Sabedoria e seu público nos versículos 1-4.

Examinaremos agora o restante dos versículos 5-21 e começaremos com o valor da sabedoria como um segundo ponto aqui. O valor da sabedoria. Vale a pena ouvir a sabedoria personificada em Provérbios 8, pois aprender com ela é imensamente valioso.

O que ela ensina é confiável e eticamente correto, versículos 6-9. Ela é mais valiosa do que os tesouros mais caros, versículos 10-11, um tema já abordado em Provérbios 3. Waltke comenta apropriadamente, cito, ela deve enfatizar o valor de suas palavras, pois é difícil de vender. Ela tem algumas coisas difíceis a dizer e algumas verdades desconfortáveis para contar.

E ela fala sobre autodisciplina e não autoindulgência. O discurso da esposa infiel é doce no começo e amargo no final, como argumentou o capítulo 7. O discurso da sabedoria exige disciplina no início e promete vida no final.

Fim da citação. A motivação para ouvir o discurso da sabedoria personificada em Provérbios 8 e, por implicação, todo o ensino do livro de Provérbios, então, é dupla. Vale a pena ouvir a sabedoria por causa de seus valores e virtudes intrínsecos.

E vale a pena ouvi-la porque obedecer aos seus ensinamentos traz benefícios sociais e financeiros concretos, levando a melhorias significativas no estilo de vida. Talvez a implicação mais significativa das seções iniciais de Provérbios 8 seja a questão renovada de um convite que oferece uma escolha consciente. Passamos agora ao auto-elogio da sabedoria.

Em Provérbios 8.12, afirma que ela habita com astúcia, conhecimento e discrição. As mesmas qualidades intelectuais são mencionadas na introdução do livro de Provérbios, Provérbios 1.4, que discutimos na Lição 2. Isso sugere que o discurso da sabedoria personificada está intimamente integrado ao design geral de Provérbios 1-9 e, de fato, todo o livro. A sabedoria é uma virtude comunicável, como pode ser visto especialmente nas seções sobre a sabedoria personificada.

O que significa que uma virtude personificada pode ser comunicada? Na opinião de Waltke, a figura da sabedoria que encontra conhecimento e discrição significa que, apesar, a própria sabedoria modela o papel de um crente que busca a virtude, apesar finais, indicando que, cito novamente, essas virtudes são inseparáveis da sabedoria, apesar finais. Pode ser que sim, mas há outro aspecto interessante nisso. A sabedoria personificada em Provérbios 8 pode retratar-se como o espírito de Deus.

Nos versículos 14-16, a sabedoria discorre sobre o seu papel nos assuntos humanos, enumerando os dons que ela concede àqueles que governam a sociedade, conselho, competência e poder, ingredientes essenciais para uma política eficaz. Dois paralelos significativos sugerem a identidade da sabedoria personificada com o espírito de Deus. Primeiro, em Jó 12-13, sabedoria, poder e conselho são atributos de Deus.

Em segundo lugar, o espírito do Senhor que repousará sobre o rei messiânico ideal descrito em Isaías 11-2 é descrito como, entre outras, o espírito de sabedoria e entendimento, o espírito de conselho e poder, o espírito de conhecimento e o temor de o Senhor. Waltke comentou os capítulos 8-14 da seguinte forma, traçando paralelos diretos com o Novo Testamento. Cito, este conjunto de atributos aproxima a sabedoria do próprio Senhor, pois de acordo com Jó 12-13, ele também possui o que ela afirma ser sua posse.

Essas qualidades celestiais são necessárias para um governante, ver 8-15. Isaías atribui o espírito dinâmico do Senhor como seu mediador ao rei messiânico, Isaías 11-2, mas a sabedoria os media para aqueles que a amam. Somente Jesus Cristo os alcançou perfeitamente, e ele se tornou sabedoria de Deus para sua igreja, veja por exemplo 1 Coríntios 1-30 e muitas outras passagens do Novo Testamento.

Visto que a sabedoria como personificação é a personificação desses atributos intelectuais, a afirmação de que ela habita um deles e encontra os outros não deve ser interpretada literalmente. Talvez tenhamos aqui uma analogia que nos ajuda a entender melhor o que significa que Deus adquire sabedoria em Provérbios 8-22. Por outro lado, porém, a figura sugere que a sabedoria como personificação é diferente e mais do que as virtudes ou qualidades que ela incorpora.

Por possuí-los, ela também pode transmiti-los aos humanos, como expressam os versículos 14-16. Tenho bons conselhos e boa sabedoria. Eu tenho uma visão.

Eu tenho força. Por mim reinam os reis e os governantes decretam o que é justo. Por mim governam os governantes e os nobres, todos os que governam corretamente.

Significativamente, porém, a forma como a sabedoria personificada transmite as qualidades que ela possui é comunicando-se aos reis e governantes humanos que reinam e governam com a sua ajuda. A imagem sugere mais do que um recurso literário, e a analogia mais próxima que podemos imaginar é a maneira como Jesus de Nazaré fala de si mesmo e a maneira como Paulo de Tarso fala sobre o Espírito Santo no Novo Testamento. A sabedoria personificada em Provérbios 8 é um presente universal para toda a humanidade.

Por mim todos os reis reinam e os governantes decretam o que é justo. Por mim governam os governantes e os nobres, todos os que governam corretamente.
Versículos 15-16.

Este universalismo ganha ainda mais relevo no contexto de Baruch 3 e Ben Sirah 24, que fazem da sabedoria personificada um fenômeno exclusivamente israelita. A sabedoria personificada em Provérbios é então a única distribuidora dos dons do Espírito. Os versículos 14-16 esclarecem que a sabedoria não é uma entre várias virtudes e atributos divinos concedidos ao ser humano, mas aquela que concede todas as outras.

Volto-me agora para a sabedoria personificada em Provérbios 8 como um ser social. A sabedoria anseia por amar e ser amada. Embora essa noção surja em outras partes de Provérbios, por exemplo, em 4.6, 7.4, 29.3 e talvez também em 8.34-35, ela é expressa de maneira mais exclusiva em Provérbios 8. O versículo 17 diz: Eu amo aqueles que me amam e aqueles que me procuram. me encontre diligentemente.

O versículo 21 repete a frase, aqueles que me amam. E no versículo 31, a sabedoria personificada descreve como ela se deleitou com a raça humana desde o início da criação. Michael Fox comenta apropriadamente: ser sábio não é apenas conhecer a sabedoria, mas amá-la e buscá-la.

Embora talvez seja melhor falar em procurá-la e amá-la. Waltke também notou a mudança de tom desde a primeira aparição da sabedoria personificada. Em 1.20-33, ela usou um discurso ameaçador.

Aqui ela fala apenas a linguagem do amor. Embora ele reconhecesse a completa reciprocidade do amor entre a sabedoria e seus buscadores, a insistente identificação de Waltke da sabedoria personificada com os ensinamentos do livro vem à tona novamente na seguinte declaração, cito, a personificação conota que quando os ensinamentos do sábio são memorizados com afeição espiritual, eles serão assimilados pelo caráter da pessoa, finaliza a citação. É difícil resistir à

impressão de que algo se perde nesse brilho interpretativo da descrição da própria sabedoria personificada do relacionamento que ela oferece àqueles que a procuram.

Amo aqueles que me amam, e aqueles que me procuram diligentemente me encontrarão. Ando no caminho da justiça, dotando de riqueza aqueles que me amam e enchendo seus tesouros, 8.17-21. Por exemplo, como observou o próprio Waltke, são feitas declarações bíblicas semelhantes sobre as relações humanas com Deus. Por exemplo, aqueles que me honram eu honrarei, e aqueles que me desprezam serão tratados com desprezo, 1 Samuel 2.30. Veja também 2 Samuel 22.26, que é obviamente idêntico ao Salmo 18.26. E depois também a frase, o Senhor cuida de todos os que o amam, no Salmo 145.20. A literatura sapiencial egípcia também contém declarações comparáveis.

Por exemplo, Ta ama todos aqueles que o amam e que lhe pedem, e Deus ama quem o ama. É fácil ver como as gerações posteriores reconheceram traços divinos na personificação da sabedoria. Passo agora aos versículos 22-31.

O resto da segunda parte, ou talvez eu devesse dizer até mesmo a segunda e a terceira partes de Provérbios 8, se dividem em duas partes de igual comprimento. Os versículos 22-26 sobre a origem da sabedoria antes da criação, e os versículos 27-31 sobre sua presença na celebração durante a criação. E Bruce Waltke detectou um quiasma temático unindo as duas partes.

A. As origens da sabedoria, versículos 22-23. B. O estado negativo da criação, versículos 24-26. B'.

Apresentação positiva da criação, versículos 27-29. E A'. A celebração da sabedoria das origens da humanidade.

Mais uma vez, a identificação da sabedoria por Waltke com o ensino de Provérbios aparece, nos versículos 22-31, em sua opinião, citação, elevando o ensino de Salomão a alturas transcendentais, citação final. De acordo com Waltke, os versículos 22-31 têm três funções. Primeiro, a demonstração da preexistência da sabedoria funciona como uma patente de nobreza para estabelecer a autoridade da sabedoria para ensinar.

Segundo, a demonstração do conhecimento abrangente da sabedoria para estabelecer a competência da sabedoria para ensinar. E em terceiro lugar, a narrativa sobre o deleite da sabedoria no ato criativo de Deus estabelece a eficácia do ensino da sabedoria. Para colocar isso nas palavras de Derek Kidner, entre aspas, a única sabedoria pela qual você pode lidar com as coisas cotidianas em conformidade com sua natureza é a sabedoria pela qual elas foram divinamente feitas e ordenadas em primeiro lugar.

No que diz respeito ao deleite da sabedoria personificada, Waltke concentrou-se mais no deleite da sabedoria personificada na ordem cósmica em geral. Citação, a capacidade do governante sábio de diminuir a ordem social está de acordo com seu próprio deleite nos decretos de Deus que ordenam o cosmos, final da citação. Na minha opinião, isto não capta todo o aspecto do deleite da sabedoria e não reconhece o impacto motivacional do deleite da sabedoria na humanidade.

O facto de os seres humanos serem apontados como o único objecto particular do seu deleite dentro da ordem criada enfatiza fortemente o seu entusiasmo desenfreado e o seu grande afecto pelos seres humanos. Por implicação, suas intenções são demonstradas como irrestritamente positivas e seu ensino é retratado como completamente confiável. Ela tem boas intenções para a humanidade.

O impacto da afirmação sobre o deleite da sabedoria personificada na criação e na humanidade é, portanto, altamente motivacional precisamente porque são afirmações relacionais. E quero dizer algumas palavras mais detalhadas sobre o versículo 22, que é, obviamente, um dos textos clássicos nas primeiras interpretações cristológicas de Provérbios 8 na igreja primitiva. O versículo 22 expressa que a prioridade da sabedoria para a criação não é apenas temporal, isto é, anterior, mas também qualitativa, que talvez seja gerada, e não criada.

Voltaremos a isso daqui a pouco, ao revisitarmos o significado do verbo kana aqui neste versículo. Eu gostaria de resumir isso talvez um pouco mais e não dizer tudo o que poderia ser dito sobre o significado de kana, em parte porque já abordei um pouco disso anteriormente na palestra. Aqui quero simplesmente dizer que penso que o significado de kana aqui é tanto uma continuação da ideia metafórica de aquisição como também uma expansão da mesma.

Parece-me que é possível que a noção de ser gerado, de nascer, seja realmente, e também a conotação de ser criado, todas as quais são traduções que foram propostas para este verbo, especialmente aqui em 8.22, estão em o mínimo possível. Então, o que eu gostaria de argumentar aqui agora é que, na verdade, nesta auto-expressão altamente metafórica, ou devo mesmo dizer hipermetafórica, da existência, dos movimentos e da identidade da sabedoria no tempo primordial é deliberadamente ambígua. Assim, no contexto inicial da fé monólatra israelita, a ideia de que a sabedoria é adquirida por Deus ou é criada ou usada por Deus é inteiramente consistente de uma perspectiva teológica dogmática ou sistemática.

Mas os outros significados estão latentes através da multivalência deste verbo. Waltke estava convencido de que a passagem personificava a sabedoria e aplicava imagens do parto ao seu início. Imediatamente, porém, Waltke alertou contra o que considerou dois tipos graves de erros na história da interpretação da passagem.

A primeira é a compreensão da sabedoria personificada como descendência literal de Deus. Cito: Uma interpretação politeísta literal envolvendo o Senhor com um parceiro sexual na geração de sabedoria é impensável neste livro. A metáfora que me trouxe significa que a sabedoria inspirada de Salomão vem do ser essencial de Deus.

É uma revelação que tem uma ligação orgânica com a própria natureza e ser de Deus, ao contrário do resto da criação que passou a existir fora dele e independente do seu ser. O segundo erro é abordado numa importante nota de rodapé anexada a esta citação. Novamente, uma citação de Waltke.

A noção de que a sabedoria é eternamente gerada Desculpe, vou apenas repetir isso. Houve um erro de digitação. A noção de que a sabedoria é gerada eternamente baseia-se no dogma cristão, não na exegese.

Os versículos 22 a 26 representam a origem da sabedoria como um evento e ação únicos, não como um nascimento eterno e/ou uma posse eterna. Agostinho, Calvino e outros erraram ao interpretar erroneamente a sabedoria como uma hipóstase de Deus que equiparavam a Jesus Cristo e não como uma personificação da sabedoria do sábio. Quero fazer alguns comentários sobre isto a partir da minha perspectiva, especialmente, novamente, no que diz respeito a uma atenção mais completa ao impacto das metáforas.

No versículo 22, quando a sabedoria diz, o Senhor me criou no início de sua obra, a palavra traduzida começando aqui, novamente, é a palavra *reshit*, que já discutimos há várias palestras. Pode ter quatro significados diferentes e talvez até mais. Primeiro, no tempo.

A propósito, este é o significado preferido de Waltke. Em segundo lugar, a importância da qualidade, ou seja, o melhor de uma série. Escolhas, principais ou principais.

Em terceiro lugar, primeiro em princípio. E depois em quarto lugar, primeiro em virilidade, no sentido de primogênito. Quando a sabedoria diz que foi criada no início de sua obra, isso traduz literalmente o literal no início de sua jornada.

Provavelmente, na verdade, tem o seu sentido normal como metáfora para conduta com um sentido mais específico de atividade ou trabalho. A sabedoria é gerada, adquirida, criada, ou todos os três, como o primeiro dos feitos de Deus, não como sua virilidade. Isso aconteceu no passado mais remoto.

E como a sabedoria personificada faz parte de seus feitos, a frase distingue a sabedoria do Senhor, assim como o resto das passagens a distingue do resto da criação, como Waltke observa corretamente. Quando olhamos para o versículo 23,

há séculos atrás fui estabelecido no início, antes do início da terra. A palavra traduzida há muito tempo na Nova Versão Padrão Revisada é a palavra hebraica *olam*, que pode às vezes, especialmente no que diz respeito ao Senhor, referir-se à eternidade, mas normalmente e mais regularmente significa o passado ou futuro mais remoto, a menos que, como eu disse, já é aplicado à constância de Deus, onde designa a eternidade.

E então aqui parece que designa o ponto inicial no extremo, *arc quo*, do passado mais distante, um conceito relativo, ou melhor, devo dizer um período de tempo relativo. Waltke novamente, a sabedoria não pretende ser eterna, porque o momento em vista é o de seu nascimento. Somente no contexto teológico, onde Deus é pensado como existindo antes de qualquer começo, *me olam* pode ser glosado como desde a eternidade.

Também quero comentar o versículo 24. Quando não havia profundezas, fui gerado. Quando não havia fontes, eu estava cheio de água.

A frase traduzida eu nasci usa em hebraico o verbo *qul* para se contorcer no parto. No modo ativo, o verbo designa como a mãe se contorce no parto, começando com as primeiras contrações e só cessando com a saída do bebê de seu corpo. No modo passivo, refere-se ao parto na perspectiva do recém-nascido, muitas vezes em contexto metafórico, como por exemplo no Salmo 139, versículo 13.

Aqui, e em seu paralelo quiástico no versículo 25b, descreve metaforicamente o nascimento da sabedoria personificada a partir de sua própria perspectiva. Embora Deus seja o agente do verbo, implicando assim o seu papel como mãe, esta inversão implícita de gênero raramente, ou nunca, ocupou as mentes exegéticas. Waltke observou corretamente que isso, entre aspas, expressa inquestionavelmente a metáfora do nascimento sugerida para Caná no versículo 22, uma das possibilidades multivalentes do verbo.

Isto confirma, na minha opinião, que o aspecto de dar à luz é de fato expresso no versículo 22. Isto não significa, no entanto, que o alcance semântico de Caná, adquirir, possuir, criar, gerar, gerar, deva, portanto, restringir-se apenas ao aspecto do nascimento. As outras conotações permanecem presentes e enriquecem o significado do que a sabedoria diz aqui.

Waltke repetiu aqui sua afirmação de que, entre aspas, nenhuma realidade mitológica é pretendida nestes textos, pois o Senhor não tem esposa e sem uma parceira uma realidade mitológica é impossível. Seja como for, acho que até mesmo começar a discutir sobre isso é uma coisa estranha de se fazer e só acontece porque os intérpretes se afastam muito rapidamente da metáfora. A metáfora diz que a sabedoria chegou no parto tendo sido produzida pelo Senhor, mas na metáfora o Senhor é tratado como uma divindade feminina, como a mãe da sabedoria.

Mesmo que a própria sabedoria continue a tratar Deus como uma divindade masculina, o Deus de Israel. E assim, o que temos aqui é de fato uma descrição metafórica que realmente não deve ser interpretada literalmente. Sim, a imagem do parto está sendo usada, mas isso não torna Deus feminino nem significa que Deus subitamente se torna um consorte ou cônjuge.

Isso seria uma interpretação exagerada da metáfora. No momento em que chegamos ao versículo 29, a sabedoria mudou as representações cênicas da criação do mundo para focar cada vez mais estreitamente no lugar da humanidade nele. Assim, a água está agora separada da terra habitável que está segura e a versão padrão traduz o versículo 29 como quando ele atribuiu ao mar o seu limite para que as águas não transgredissem o seu comando quando ele marcou os fundamentos da terra.

No entanto, há um jogo de palavras com uma expressão hebraica polivalente. É limite ou decreto que aparece duas vezes. A frase quando ele designou quando estabeleceu para o mar seu decreto semelhante à segunda ocorrência no final do versículo quando ele decretou os fundamentos da terra.

A frase e a água não podem ir além de seu comando literalmente pronuncia uma metonímia que retoma o mesmo pensamento de Jó 38.11 e assim a reprise e que o criador estabeleceu leis ou ordenanças inalteráveis que estabelecem os limites para a terra que o mar hostil não pode transgredir. Isto foi novamente tirado de Waltke aqui. Estou gastando muito tempo nisso porque a ideia do decreto divino pode de fato ter levado à identificação da sabedoria personificada com a Torá divina, a manifestação escrita dos decretos de Deus em outra literatura judaica.

Por exemplo, em Ben Sira. Agora passo para os versículos 30 a 31. Aqui a sabedoria diz que eu estava ao lado dele como um mestre de obras e diariamente era seu deleite, regozijando-me diante dele, sempre regozijando-me em seu mundo habitado e deliciando-me com a raça humana.

Eu li isso na nova versão padrão revisada, mas como veremos, existem diversas outras possibilidades de como esses versículos podem ser traduzidos. A palavra traduzida como mestre-de-obras na nova versão padrão revisada é a palavra hebraica Omã, que é uma palavra muito rara e muitas vezes, como costuma acontecer com palavras raras, nem sempre temos certeza absoluta do que significam. E assim, de fato, Omã pode significar constantemente, mas também pode significar artesão.

Pode significar e ser alterado para Amon como um particípio passivo do verbo Omã e então significar ser cuidado. E a partir daí algumas pessoas sugerem que o significado

da palavra pode ter a ver com enfermaria ou enfermária. E há também uma série de outras possibilidades e voltaremos a isso daqui a pouco.

Waltke reconhece que a enfermária ou a enfermagem podem, na verdade, ser contextualmente apropriadas, mas tem uma série de razões pelas quais isso provavelmente não é assim. Primeiro, se a palavra fosse tomada como substantivo, esperaríamos uma forma feminina, como no Kal-particípio ativo feminino Ominet enfermeira ou enfermagem ou algo assim. Isto não é nada convincente, uma vez que enfermeiro se refere a alguém que cuida de outra pessoa, enquanto amamentar se refere a alguém que está sendo amamentado.

A interpretação de Fox é uma variação disso. Ele argumentou que a forma é um Kal-infinitivo absoluto com o significado sendo elevado ou crescendo. A favor da interpretação de Fox fala o fato de que ela não requer nem uma emenda textual nem uma forma feminina e tem o apoio de autoridades anteriores, como os primeiros comentaristas judeus Ibn Jan'a e Moshe Kimchi.

Waltke, entretanto, viu problemas gramaticais. Em particular, o infinitivo Kal é ativo com o aumento de significado, em vez da passiva exigida que poderia ter sido expressa pela raiz Nifal . O outro argumento de Waltke contra esta interpretação tem pouco peso.

Ele diz que a afirmação da Sabedoria de que, quando era uma criança, ela se regozijou deliciosamente na obra criativa do Senhor, não torna muito credível sua afirmação de ter uma autoridade grave. A noção de autoridade grave não é útil. Nem a ideia de que a autodescrição de Wisdom como uma criança brincalhona mina a sua autoridade.

Em vez disso, a descrição como uma criança na infância dos tempos marca-a como antiga e, portanto, autoritária no tempo presente do discurso da Sabedoria agora e o seu prazer lúdico na criação de Deus marca-a como benevolente para com a humanidade e, portanto, confiável. O quarto significado de Omã é apenas que significa fielmente. Esta interpretação toma a palavra como um Kal-infinitivo absoluto de Omã 1 como firme ou fiel e isso é representado por algumas das traduções gregas de Simachus , Theodotion e também do Targum seguidas por vários comentaristas modernos.

Um argumento interessante a favor da opção preferida de Waltke em sua representação de elementos paralelos divididos pelo texto massorético é tomar a frase como um paralelo triplo. E eu estava ao lado dele fielmente e me deliciava diariamente celebrando diante dele em todos os momentos. Na visão de Waltke, dia após dia, enfatiza e esclarece fielmente a meia-vida anterior.

Na minha opinião, a relação de duas expressões de uma época passada com o paralelismo sinônimo, o paralelismo preciso tem pouco peso. Embora o paralelo entre deleitar-se e celebrar diante dele seja claro, a relação dessas duas expressões com o lado dele é remota. Embora fielmente possa ser percebido como relacionado em significado diariamente e em todos os momentos, se a fidelidade for necessária.

Waltke concluiu que embora todas essas interpretações sejam possíveis e tenham suporte histórico, a última interpretação se adapta melhor ao contexto mais amplo dos versículos 22 a 31 e ao contexto imediato do versículo 30. Waltke também verbalizou o que está em jogo. Citação Uma coisa é ser um instrumento nas mãos de um criador.

Outra bem diferente é ser aquele que surge e/ou faz o trabalho. E podemos ver como de facto existem consequências teológicas decorrentes da ideia de a sabedoria ser um ator independente que contribui para a realização da criação. Waltke pensou que a interpretação de Omã como artesão pode encontrar apoio em Provérbios 3.19, onde Deus usou a sabedoria como agente na criação.

Mas é mais provável que isso signifique que a sabedoria foi seu instrumento. Mas como a sabedoria é personificada e fala de si mesma, a implicação clara é que ela não se considera um instrumento, mas sim uma colaboradora. Van Leeuwen, em seu comentário, argumentou que o auto-elogio de Enki, o deus sumério da sabedoria, Enki e a ordem mundial, onde ele se retrata como o artesão e conselheiro do rei divino Anu, é um paralelo conceitual preciso à sabedoria como o arquiteto conselheiro do Senhor através a quem o rei, o Senhor, põe todas as coisas em sua devida ordem.

Fim da citação. Waltke apresentou uma lista concisa de argumentos contra a interpretação do artesão. Citaremos a passagem na íntegra, pois ela reúne todos os argumentos principais em um ponto.

Cito além de carecer de um bom suporte lexical o artesão da interpretação difunde contextualmente a mensagem de Provérbios 8 22 a 29 de que o Senhor é o criador de todas as coisas e o procriador da sabedoria. A alegação de que ela é de fato a artesã surgiria inesperadamente do nada e então seria abandonada de forma igualmente inesperada. Até este ponto em seu argumento, a sabedoria tem construído seu argumento para ter autoridade grave, alegando ter sido gerado por Deus antes da criação existir e por estar presente no momento em que o Senhor estabeleceu os céus, o mar e a terra.

Se ela pretendesse apresentar-se como um agente ativo na criação, seria de se esperar que ela desse uma contribuição tão importante ao seu argumento que ela saberia tudo porque ela os projetou e/ou fez e, portanto, as pessoas deveriam ouvi-la. Além disso, esta interpretação oferece um paralelo pobre entre deleitar-se,

brincar e celebrar ou dançar em seu trabalho. Seria de esperar para esta interpretação algo como ensinar ou conversar ou fazer e assim por diante.

Finalmente, seria único e contrário à poesia hebraica que a sabedoria feminina se descrevesse através de uma imagem masculina, a menos que se argumente que este é um substantivo epiceno não atestado. Agora voltarei ao que é um substantivo epiceno em alguns minutos. Mas deixe-me apenas comentar e destacar alguns pontos aqui.

Como a palavra só ocorre aqui, a palavra *oman*, um hapax legomenon, é por definição epiceno se for um substantivo. Um epiceno, neste contexto, significa que pode ser referido a uma mulher ou a um homem ao mesmo tempo. Então, não é, é um substantivo e é um substantivo gramaticalmente masculino, um substantivo masculino, mas pode se referir também a um representante feminino da classe que descreve.

É isso que significa falar de um substantivo epiceno. Até ao último ponto, claro, é porque é um termo técnico raro para arquitectos e não havia mulheres por perto. O uso epiceno de designação profissional, entretanto, tem sido onipresente para a maioria das línguas na maior parte da história da humanidade.

Outra boa maneira de apresentar as questões é distinguir entre três interpretações diferentes do papel da sabedoria personificada em Provérbios 8.30. Primeiro, a sabedoria personificada era um agente independente na criação que agia com certo grau de independência de Deus. Segundo, Deus é o criador, mas ele usou a sabedoria personificada como seu agente para criar o mundo. Neste caso, a sabedoria foi cocriadora de Deus.

E em terceiro lugar, a sabedoria é uma personificação puramente literária do atributo de sabedoria de Deus. Deus usou sua própria sabedoria como um instrumento para projetar a criação. Agora quero fazer alguns comentários sobre o deleite.

Qual é o significado deste termo enigmático? Quem está se deliciando com o quê? Como vimos a nova versão revisada do padrão diz, eu era seu deleite diariamente. Portanto, neste caso, é Deus quem se deleita na sabedoria. Mas é claro que também poderia ter sido o contrário.

Poderia ter sido a sabedoria deleitando-se em Deus ou a sabedoria deliciando-se com o que estava sendo criado, seja por Deus ou por Deus e ela juntos. Walter rejeitou esta interpretação com base em uma compreensão estrita do paralelismo no versículo 30. Ele diz que o paralelismo quiástico em 8.31b refuta esta interpretação e mostra que a sabedoria é o ator.

Como mostrei em outro lugar, paralelismo não significa que as afirmações em linhas paralelas tenham o mesmo significado. Visto que as três linhas parciais no versículo 30 e as outras duas meias linhas no versículo 31 formam uma combinação de paralelismo intralinear e interlinear resultando em cinco linhas parciais paralelas, é melhor considerar todos esses versículos juntos. E vou apenas apresentá-los agora na minha tradução, divididos em cinco linhas parciais paralelas.

Escute isso. Então eu estava ao lado dele, seja fielmente ou como um artesão ou como uma criança. E eu me deleitava diariamente, regozijando-me sempre diante dele, regozijando-me em sua terra habitada, e meu deleite era a humanidade.

Há muita alegria acontecendo aqui. Esses dois versículos estão cheios de ambigüidade proposital e deliberada. Os três termos justapostos com onde digo com fidelidade, como um artesão, como uma criança, na primeira linha parcial constituem, a meu ver, um jogo de palavras multivalente.

Voltarei a isso em um minuto. E a segunda linha parcial é deliberadamente vaga. Assim, delícias referem-se ao deleite da própria sabedoria ou ao deleite de Deus, nela.

Existem indicadores contextuais que favorecem ambas as respostas. Inicialmente, as relações paralelas mais fortes podem ser percebidas entre as linhas parciais dois a cinco, já que todas as quatro mencionam um termo que indica alegria. Nos últimos três deles, a sabedoria é claramente marcada como aquele que celebra, e não o Senhor.

Na abordagem tradicional do paralelismo, que identificaria estas linhas como paralelismos sinónimos, isto teria sugerido que a sabedoria é também aquela que se alegra com a segunda linha parcial. No entanto, existem três razões que sugerem o contrário. Primeiro, como demonstrei noutro lugar, o paralelismo não se caracteriza apenas pela semelhança, mas também pela variação.

Já abordamos isso nas palestras anteriores. Em segundo lugar, existem outros tipos de paralelos nestas linhas parciais e outras dimensões de paralelismo que apontam na outra direção. Os paralelos nos versículos 30 a 31 se estendem à totalidade dos dois versículos.

Conseqüentemente, três dos cinco versos parciais nos dois versículos incluem um sufixo pronominal cujo antecedente é o Senhor. Isto pode sugerir que tal sufixo deveria ser adicionado na segunda linha parcial, resultando em Seu deleite. Ou sugere que as delícias devem ser interpretadas como uma referência ao deleite do Senhor na sabedoria.

Isto resultaria em uma série de quatro linhas parciais em sequência ininterrupta tendo uma referência ao Senhor. Por outro lado, porém, se as linhas parciais dois a cinco formam uma sequência particularmente estreita de linhas parciais paralelas, como indica a sequência quiástica de termos referentes à alegria, A delicia-se, B regozija-se, B prime regozija-se, A prime delicia-se, então o o fato de que ambas as linhas parciais dois e cinco não tenham um sufixo pronominal cujo antecedente seja o Senhor sugere que é de fato sabedoria quem se regozija na linha parcial dois. Você ainda está comigo? Estou me divertindo muito fazendo isso.

Mas é claro, como você pode ver, essas são questões interpretativas altamente complexas. E é por isso que numa palestra anterior falei sobre o facto de que quando chegamos a passagens tão engenhosas, incrivelmente metafóricas e teologicamente ricas, precisamos realmente de trabalhar com a devida diligência. E precisamos ter as virtudes de uma atenção exegética cuidadosa e paciente aos detalhes, combinada com uma visão mais ampla do todo e atenção à beleza estética da poesia como poesia.

Ler a passagem com habilidade e imaginação. Ler com imaginação não significa ler fantasiosamente, mas ler com atenção tanto aos detalhes quanto às minúcias da passagem e também com uma perspectiva de todo o capítulo e do contexto mais amplo de Provérbios 1 a 9. E agora quero focar um pouco um pouco mais sobre toda a ideia de alegria, regozijo e celebração. Deleitar-se e dançar diante de Deus é, na opinião de Waltke, um ato de culto.

Um comentarista alemão, Arndt Meinhold, seguiu o exemplo de Otto Kehl, outro estudioso alemão, e sua interessante proposta de que a sabedoria personificada é aqui retratada em paralelo com as deusas egípcias Ma'at e Hathor. Essas duas divindades femininas, como demonstrou Kehl, tinham o papel de divertir e incitar os outros deuses. E, conseqüentemente, Meinhold sugeriu que a sabedoria personificada apoiava Deus em todas as atividades relacionadas à criação, às brincadeiras e às brincadeiras diante dele, de tal forma que ela o inspirava e encantava, a fim de aprimorar sua atividade criativa.

Meinhold concluiu que, conseqüentemente, a sabedoria personificada não é retratada como uma cria, mas como uma mulher jovem e bonita. Waltke rejeitou esta interpretação porque ele diz que ler neste texto a noção pagã de que a sabedoria como uma mulher jovem e adorável incitou sexualmente o Senhor a criar atividade, à atividade criativa por meio da dança e do jogo é imprópria para o preconceito antimítico da Bíblia. pensamento. Meinhold, entretanto, não sugeriu qualquer dimensão sexual na deliciosa peça de Sabedoria.

Além disso, a possibilidade de a representação da sabedoria personificada ter sido influenciada pelos papéis de Ma'at e Hathor não significa necessariamente que todas ou mesmo a maioria das associações ligadas a estas duas divindades tenham sido

automaticamente assumidas de forma acrítica. Acho que precisamos parar aqui por um momento. Então, obrigado por me permitir uma pequena pausa.

Quero agora comentar a frase mundo habitado no versículo 31 para encerrar esta seção do capítulo 8. De acordo com Waltke, esta é uma sinédoque para toda a criação e sugere que o objetivo da criação era um mundo adequado para a humanidade. A tendência geral dos versículos 30 a 31 é então demonstrar o envolvimento encantado da sabedoria em cada estágio da criação, à medida que ela desdobrou sua alegria, atingindo seu auge com o aparecimento da humanidade nos estágios finais da formação do universo, quando ele estava totalmente preparado para a habitação humana. . Waltke observou corretamente que o foco explícito na alegria da sabedoria sobre a humanidade em H31b fornece o clímax do auto-elogio da sabedoria.

A referência à humanidade, literalmente filhos do homem, no início e no final do auto-elogio da Sabedoria forma uma moldura em torno de toda a seção do seu discurso e sinaliza formalmente que todo o conteúdo do auto-elogio da Sabedoria serve para aumentar o seu valor para os humanos, portanto, proporcionando uma transição adequada para o apelo final da sabedoria aos humanos nos versículos 32 a 36, onde ela agora se dirige diretamente aos humanos e diz e agora meus filhos me ouçam. Felizes são aqueles que guardam os meus caminhos e assim continua. Da perspectiva pragmática dos versículos 32 a 36, eles formam um clímax do discurso da sabedoria ao usar toda aquela sabedoria, a sabedoria personificada dita sobre si mesma como motivação para seu apelo aos seus filhos para ouvi-la e obedecê-la para se tornarem sábios buscando seu conhecimento. até que a encontrem porque encontrá-la significa encontrar a vida e rejeitá-la significa morte.

O objetivo pragmático da conclusão leva a uma mudança pronunciada, mas a avaliação de Waltke de que a sabedoria personificada muda sua personalidade, ambiente e destinatários quase separa a conclusão do corpo da palestra e eu discordo disso. Aqui está o resumo de Waltke. Ela substitui sua aparência de Medianeira na porta da cidade, dirigindo-se às massas, e de figura primordial ao lado do criador, pela de dona de uma casa, dirigindo-se aos filhos e convidando-os a manter vigília à sua porta para encontrá-la. na minha opinião, no entanto, a mudança é da mensagem da sabedoria que sai emitindo um convite nos versículos 1 a 31, nos quais ela descreve o valor do seu ensino, versículos 4 a 21, apoiando o seu valor com as suas credenciais como irmão mais velho benevolente da humanidade desde os tempos primordiais. versículos 22 a 31, ao seu retorno à sua própria casa para preparar um banquete de aprendizado para aqueles que aceitassem seu convite.

Contrariamente a Waltke, o movimento de saída da primeira parte do seu discurso foi desde o início concebido para se transformar num convite para receber o seu público como convidados na sua própria casa. É verdade que a sabedoria agora se dirige ao seu público como crianças, literalmente filhos no versículo 32. Em contraste

com os discursos mais genéricos de pessoas, humanos, imaturos e tolos nos versículos 4 a 5. Mas a mudança é para um relacionamento mais próximo caracterizado por sentimentos maternos. afeto, em vez de uma mudança de um público para outro.

A sabedoria não se retratou apenas como uma figura primordial e mediadora autorizada na palestra, como Waltke parece pensar, mas também como a afetuosa e feliz irmã mais velha da humanidade. É verdade que a sabedoria agora se localiza dentro de sua casa, e não nos vários pontos badalados da cidade. Mas a mudança passa do recrutamento activo e do convite para uma recepção hospitaleira.

Em vez de uma mudança de uma perspectiva aberta para uma perspectiva introspectiva. No entanto, embora de acordo com uma das conotações do jogo de palavras no versículo 30, a sabedoria personificada em Provérbios 8 parecia retratar-se como a irmã mais velha da humanidade, enfatizando não apenas a sua idade avançada e conhecimento supremo, mas também o seu profundo afeto pela humanidade. Ela agora se dirige à humanidade sob o disfarce de uma figura materna.

Assim, caracterizando culminantemente seus sentimentos pelos humanos como amor materno. Provérbios 8.32 é a primeira e única ocasião em que a sabedoria personificada, ao dirigir-se ao seu público como crianças, identifica-se como a mãe da humanidade. Visto que a expressão tem, por definição, um significado metafórico e figurativo, esta formulação não implica que a Sabedoria se imagine como uma verdadeira relação de sangue com o seu público.

A expressão também não pretende implicar que a sabedoria personificada se coloca no papel de uma divindade materna primordial, como alguns argumentaram. Em vez disso, a ênfase recai inteiramente sobre a sinceridade e a confiabilidade de sua afeição pela humanidade. Este é o impacto da metáfora.

Precisamos ficar com a metáfora em si e não tentar interpretá-la como outra coisa. Uma questão interessante é se este apelo de fato alinha a sabedoria personificada com o ensinamento dos pais. Waltke argumentou que existe uma relação intertextual com a palestra anterior do pai.

Ele diz que suas palavras iniciais, agora filhos, escutem-me, e sua palavra final, morte, correspondiam precisamente à conclusão do pai no discurso anterior no capítulo 7. Isso o levou a afirmar sua frequente identificação da sabedoria posterior como uma personificação de o ensinamento do pai. Citação, esta intertextualidade precisa entre os dois grandes poemas emparelhados dos capítulos 7 e 8 valida ainda mais que a Sabedoria feminina personifica o sábio e seus ensinamentos. Fim da citação.

Na opinião de Waltke, então, ouvir a sabedoria da mulher e o sábio passam a ser a mesma coisa. Outras observações acrescentam mais peso à afirmação de Waltke. Primeiro, o apelo da sabedoria personificada em 8.32 não constitui as suas palavras iniciais, mas as primeiras palavras na secção final do seu discurso, o que aumenta as semelhanças entre as duas lições adjacentes porque as semelhanças estão localizadas em posições semelhantes dentro dos seus respectivos contextos.

Em segundo lugar, o apelo da sabedoria personificada à humanidade como filhos implica metaforicamente o estatuto da sabedoria como pai, embora não o pai, que talvez igualmente personifique metaforicamente a tradição da sabedoria e represente os ensinamentos dos sábios. Mas a mãe, cujos ensinamentos o público do livro, tanto no singular quanto no plural, deve obedecer. A sugestão de Waltke de que o apelo da sabedoria para que seu público ouça provavelmente se refere às seguintes coleções de provérbios e ditos nos capítulos 10-31, porque a sabedoria não forneceu nenhuma palavra de correção no contexto imediato, é indevidamente literal, especialmente porque todo o capítulo de Provérbios 9 intervém entre seu discurso aqui e aquelas outras coleções.

Mais provavelmente, o apelo para ouvir refere-se à totalidade do discurso da sabedoria personificada e talvez à totalidade de Provérbios 1-9 e talvez até a toda a tradição de sabedoria representada não apenas neste livro, mas na tradição de sabedoria de Israel em geral. Finalmente, qual é o significado da metáfora da vigilância esperada no capítulo 8, versículo 34? Feliz é aquele que me escuta, vigiando diariamente às minhas portas, esperando às minhas portas. Não intensifica simplesmente a ordem de ouvir como um local específico onde o público da sabedoria deve observar atentamente, nomeadamente os portões e portas da sabedoria dados.

Foram oferecidas várias explicações sobre o que os filhos estão esperando. Royal favorece a instrução da amante, a admissão em geral ou a admissão como pretendentes da sabedoria. Contudo, parece que qualquer discurso em que identificações específicas é altamente problemático e sobrecarrega as diversas metáforas.

Por exemplo, a ideia de sabedoria personificada encorajando numerosos pretendentes masculinos com uma promessa implícita de eventual acesso equivaleria à prostituição aberta ou, pelo menos, à exibição aberta de comportamento sexual culturalmente inadequado, claramente não intencional no contexto actual. Mais provavelmente, a metáfora precisa ser sustentada e não dissolvida numa interpretação em prosa. A metáfora continua no capítulo seguinte, capítulo nove, e prevê uma admissão ao palácio da sabedoria no contexto do convite para o banquete da sabedoria personificada, que é emitido no capítulo nove.

Acho que paramos aqui novamente por um breve momento. Passamos agora para o capítulo nove, capítulo nove de Provérbios. Especialmente os versículos um a seis, mas também os versículos onze a doze.

À primeira vista, Provérbios 9 parece dividir-se em três seções. Os versículos um a seis sobre a sabedoria feminina, os versículos sete a doze são instruções de sabedoria padrão e, em seguida, os versículos treze a dezoito sobre a loucura feminina. Os versículos sete a dez e doze parecem interromper a justaposição das duas personificações da senhora sabedoria, por um lado, e da senhora loucura, por outro, de uma maneira estranha, de modo que muitos os vêem como inserções secundárias.

No entanto, pode ter uma função importante na sua posição actual. Primeiro, o material nos versículos sete a doze, com sua combinação de admoestações e ditos, assemelha-se ao material instrucional de Provérbios um a nove e ao material predominantemente proverbial da coleção seguinte, Provérbios dez a trinta e um. Segundo, enquanto os versículos sete a dez e doze parecem ser um conselho geral para um professor sábio e uma proclamação sobre o valor da sabedoria, o versículo onze continua claramente o pensamento e, portanto, a personificação da sabedoria dos versículos um a seis.

Colocada no final da coleção de Provérbios um a nove, esta seção serve para ligar o material introdutório da coleção de abertura do livro aberto com a coleção seguinte de Provérbios individuais, justapondo as formas literárias dominantes de cada um. O versículo onze torna assim os materiais proverbiais em Provérbios dez um a vinte e dois dezesseis e materiais subsequentes parte do ensino da sabedoria personificada. A coleção de instruções e Provérbios, admoestação e sentenças proverbiais juntas constituem o que a sabedoria personificada representa.

Waltke explica esta função transicional de Provérbios nove de forma eloquente, destacando um pouco do impacto retórico da metáfora complexa. Cito: A representação da sabedoria como tendo construído sua casa e preparado seu banquete pode representar figurativamente o prólogo, capítulos um a nove, e as coleções, capítulos dez a trinta e um, respectivamente. A casa, que é o prólogo introdutório, está terminada, e o banquete, que são os Provérbios de Salomão nos capítulos seguintes, está prestes a começar.

Seus mensageiros, ou seja, os pais, foram enviados para convidar os jovens descomprometidos e enfadonhos a comer e beber sua suntuosa refeição. Seus filhos já estão esperando que a sabedoria abra suas portas. Fim da citação.

A leitura imaginativa de Waltke não é, obviamente, a única leitura possível. Raymond van Leeuwen mostrou recentemente a afinidade entre a casa da sabedoria, o templo israelita e até o próprio cosmos. Com base na sua visão e combinando-a com a nossa

descoberta do potencial imaginativo da metáfora da sabedoria, surge uma leitura complementar à de Waltke.

Na verdade, também pode haver um pano de fundo mitológico para a ideia da casa da sabedoria. Desde o Apsu assírio -babilônico, a massa subterrânea de água doce tem sido designada como a casa da sabedoria. Dado que é o reino do deus Ea, Enki, cujo epíteto é Senhor da Sabedoria, isto parece realmente provável.

Fox e Waltke argumentaram que este contexto mitológico foi desmitologizado, e isto parece correto. Isto não significa, contudo, que o contexto mitológico possa ou deva ser negligenciado. Pelo contrário, a alusão deliberada à mitologia, mesmo na sua forma higienizada, tem dois efeitos retóricos poderosos, o primeiro dos quais quase certamente foi intencional.

Primeiro, a alusão mitológica acrescentou um sentido de mística e um toque sobrenatural à representação da sabedoria. Surge a inevitável questão de saber se a sabedoria personificada é mais do que uma figura de linguagem, se ela pode realmente ter uma existência pessoal, talvez sobrenatural, no mundo real. Os leitores ao longo dos tempos responderam com entusiasmo a este convite retórico, como demonstra amplamente a história da recepção da sabedoria personificada.

Em segundo lugar, este e outros traços de mitologia na representação da sabedoria levaram numerosos estudiosos modernos a identificar na sabedoria personificada os rudimentos higienizados de várias divindades antigas do Oriente Próximo. Tais noções acadêmicas são geralmente equivocadas. O que é importante, contudo, é reconhecer primeiro que as várias evidências circunstanciais de precursores mitológicos indicam várias divindades com vários tipos de semelhanças, de várias localizações geográficas e de vários períodos de tempo.

Não existe uma divindade que se encaixe em todas ou mesmo na maioria das alusões mitológicas. Na minha opinião, isto sugere que o propósito do material mitológico na representação da sabedoria não é indicar que a sabedoria personificada é ou é semelhante a esta ou aquela outra divindade. Aqueles que se encarregaram de encontrar deusas antigas do Oriente Próximo por trás da sabedoria personificada responderam, portanto, de uma forma que não foi intencional pelos autores de Provérbios 1-9, de uma forma que não conseguiu apreciar o impacto imaginativo das imagens.

Novamente, o perigo e a armadilha em que muitas pessoas caíram é desmetaforizar a metáfora. Isto também sugere que os indicadores mitológicos não são vestígios deixados involuntariamente por sincretizadores descuidados. Em vez disso, os materiais mitológicos são sinais deliberados que indicam ao leitor que a sabedoria personificada é mais do que aparenta aos olhos retóricos.

Na parte restante desta palestra, quero agora apenas me dedicar a algumas interpretações mais detalhadas, interpretações imaginativas, dos versículos 1, 2 e 3 do Capítulo 9, e então encerraremos esta palestra. Verso 1. Os estudiosos geralmente notam a semelhança entre a construção de uma casa pela sabedoria no Capítulo 9-1 e as declarações semelhantes em Provérbios 14-1 e Provérbios 24-3. Há um debate aceso sobre se o texto em 9-1b deve ser lido como ela talhou os seus sete pilares ou se deve ser lido como ela ergueu os seus sete pilares.

Para os nossos propósitos, a resolução deste dilema é irrelevante. O que é importante, porém, é a imagem arquitetônica, que indica que a sabedoria personificada em sua preparação ergueu uma estrutura arquitetônica considerável. Waltke observou corretamente que o verbo construiu denota o processo de trazer algo à existência através de um tipo particular de habilidade.

E lembre-se da nossa discussão sobre o significado de Omã nos versículos 30 e 31 do Capítulo 8. Para ser mais preciso, a sabedoria é retratada como um arquiteto. E este retrato combina bem com o Demiurgo de Platão, o artesão criador, e com o desenvolvimento dessa imagem no arquiteto urbanista de Fílon em alguns dos seus escritos sobre a sabedoria. A sequência de construir, abater, convidar e festejar através do comer e beber em Provérbios 9 é outra joia textual evocativa.

Visto que numerosos textos antigos e recentes associam a dedicação de edifícios a banquetes suntuosos, um costume onipresente em todo o mundo ao longo dos tempos, o convite da sabedoria personificada é retratado como sendo feito por ocasião da dedicação de uma casa, provavelmente a conclusão de Provérbios 1 a 9. O detalhe de que a casa da Sabedoria tem sete pilares é igualmente evocativo e estimulou a imaginação de comentaristas antigos e modernos. Na ficção literária de Provérbios 9, o número sete simboliza a perfeição. No mínimo, sugere que a casa de Sabedoria é um edifício grandioso, adequado para sua proeminente senhoria e para os muitos convidados que ela espera.

Fox, em linha com sua abordagem geral focada no significado original, minimiza os detalhes da descrição. Citação: Os detalhes da cena não são significativos individualmente, mas juntos mostram que a sabedoria tem muito a oferecer e está ansiosa para fazê-lo. Ouvir a sabedoria, viver em sua casa e participar de sua comida e vinho são maneiras diferentes de imaginar uma vida inteira de aprendizado.

Fim da citação. Ele capturou bem, pelo menos, o propósito principal da função retórica originalmente pretendida da representação. A generosidade da sabedoria personificada e o significado prático das imagens do banquete, da hospedagem e da festa equivalem ao aprendizado.

Mais uma vez, porém, uma paráfrase em prosa é um substituto pálido para a coisa real. E as interpretações minimalistas de Waltke e Fox do significado simbólico das

imagens são, em última análise, reducionistas. Isto pode ser visto mais claramente na avaliação que Fox faz das muitas interpretações simbólicas ao longo dos tempos.

Ele compilou uma lista interessante de leituras simbólicas do número sete. Fim da citação. As identificações incluem os sete meios de perceber o criador.

Este é Rikam . Os primeiros sete capítulos de Provérbios, Hitzig, que argumentam que foram inscritos em sete colunas escritas. Depois, os sete sábios antediluvianos ou Apkallu da mitologia babilônica, portanto Greenfield.

Ou os sete firmamentos ou as sete terras, de acordo com os Provérbios Midrash. Ou os sete planetas ou os sete dias da criação. E então os sete sacramentos da igreja ou os sete dons das virtudes do Espírito Santo, então Delitzsch.

Ou as sete artes literais. Instrutivo é o veredicto de Fox sobre essas leituras. Citação, todas essas decodificações são arbitrárias e não suportadas pelo contexto.

Fim da citação. Waltke, listando muitas destas e várias outras interpretações intrigantes, incluindo várias propostas bastante sofisticadas em estudos recentes, chegou a uma conclusão semelhante. Citação, todas essas interpretações são eisegéticas , não exegéticas.

Fim da citação. A impressão obtida com esta mini-pesquisa de interpretações é a de um vale-tudo interpretativo, em que praticamente tudo o que aparece em grupos de sete pode ser identificado como os pilares da casa da sabedoria. O objectivo da nossa enumeração destas interpretações, contudo, é mostrar o elevado grau de imaginação que as imagens evocaram, embora muitas delas sejam bastante fantasiosas.

As identificações são, de facto, em grande parte arbitrárias e muitas vezes fantasiosas, mas, contra Fox e Waltke, acredito que não são totalmente desprovidas de apoio pelo contexto, na medida em que a menção do número sete aparece no contexto de dois capítulos inteiros repletos de referências figurativas e simbólicas. linguagem. Citamos o comentário anterior de Fox de que os detalhes da cena não são significativos individualmente, mas a questão deve ser levantada. Citação: se o detalhe de que existem sete pilares não é significativo, por que especificar o número em primeiro lugar e por que escolher um número tão altamente simbólico? Certamente uma afirmação como ela cortou ou ergueu muitos pilares, ou qualquer outro número superior a três, teria alcançado o efeito desejado se a única intenção fosse sinalizar que a casa da Sabedoria Personificada era grande.

Concluimos, portanto, que os intérpretes ao longo dos tempos foram levados pelo contexto mais amplo e pela especificidade do número sete a procurar um significado oculto na referência aos sete pilares da Sabedoria, tal como os estudiosos ainda

fazem hoje. Agora passo para o versículo dois. O abate no versículo dois provavelmente se refere ao preparo de pratos de carne em geral, e não a sacrifícios religiosos.

Curiosamente, tanto o trabalho de construção no versículo um quanto o abate eram tradicionalmente atividades masculinas. A descrição dos preparativos, especialmente a menção ao vinho especialmente misturado, evoca a antecipação de um banquete luxuoso e alegre, em contraste com as rações comparativamente escassas oferecidas pela loucura personificada mais adiante no capítulo, onde tudo o que obtemos é água e comida. A sugestão de Waltke de que a referência à Sabedoria preparando sua citação tabular significa que os provérbios de Salomão são organizados da maneira mais feliz para o prazer daqueles que os estudam, citação final, tem a vantagem de interpretar as várias metáforas individuais ao longo do capítulo de uma maneira consistente que trata o várias metáforas associadas à personificação da Sabedoria como parte de uma metáfora conceitual complexa de personificação.

Também tem a vantagem de contar com o apoio do contexto. No entanto, a identificação da festa feita por Waltke apenas com as coleções proverbiais parece muito específica. Visto que as generosas provisões oferecidas no banquete da Sabedoria referem-se claramente ao conteúdo dos ensinamentos da Sabedoria, a luxuosa comida de festa que ela oferece inclui o conteúdo dos ensinamentos e dos provérbios como um todo, incluindo os capítulos um a nove, bem como qualquer outro ensinamento autêntico. e virtudes de caráter que a Sabedoria representa, incluindo o ensino de pais sábios, de ambos os sexos, e o ensino dos sábios em geral, seja dos mais velhos da família ou da aldeia, seja dos sábios mais profissionais que serviram como conselheiros nos diversos centros da vida pública, incluindo a corte real.

A propósito, não é surpreendente que escritores cristãos posteriores tenham visto consistentemente aqui referências à Eucaristia, a Ceia do Senhor. Curiosamente, Ambrósio vê um paralelo até mesmo com os Simpósios de Platão. Citação, Platão julgou que o discurso sobre esta tigela deveria ser copiado em seus livros.

Ele convocou almas para beberem dele, mas não sabia como enchê-las, pois não forneceu a bebida da fé, mas a da incredulidade. Fim da citação. Se bem entendi, Ambrósio está sugerindo que o próprio costume dos Simpósios nos diálogos filosóficos de Platão foi copiado do banquete da Senhora Sabedoria.

Agora passo para o versículo três. Waltke e outros debateram-se com a questão de saber se era apropriado, na cultura do antigo Oriente Próximo, que uma anfitriã fosse ela mesma, em vez de enviar servas para convidar convidados do sexo masculino. Meinhold, seguido por Waltke, apontou para a lenda ugarítica do rei Keret por volta de 1400 aC, na qual o rei instrui sua esposa a preparar uma refeição e convidar seus convidados.

A rainha relata a conclusão de sua tarefa com as seguintes palavras. Citação: Para comer, para beber eu te convoquei. Seu senhor Keret tem um sacrifício.

Fim da citação. Waltke concluiu: Até uma rainha poderia sair e convidar homens para um banquete com perfeita aparência. Fim da citação.

Na minha opinião, o problema só surge porque a metáfora narrativa é agora novamente interpretada literalmente. Não houve, no entanto, nenhuma mulher real com o nome de Sabedoria que espalhasse suas mercadorias pela cidade. Não havia criadas de verdade que reunissem possíveis convidados.

Em vez disso, o apelo público da sabedoria personificada apresenta o apelo geral, permeando toda a sociedade através dos seus membros sábios. Para que os jovens aprendam e adotem os valores mais elevados da sociedade. As servas representam todos na sociedade que têm um interesse activo em encorajar a geração mais jovem a adoptar as ideias e valores mais elevados da sociedade, representados pela sabedoria personificada e ensinados através das trocas destes valores na antiga sociedade israelita.

William McKane, outro comentarista de Provérbios, negou esta identificação. Citação, Visto que estes, os sábios, não são nem jovens nem mulheres. Fim da citação.

Waltke o repreende com razão por, entre outras coisas, exigir que a analogia ande sobre as quatro patas. Fim da citação. Mas o veredicto de Waltke aplica-se a todos os que dissolvem a metáfora narrativa num cenário referencial no mundo real, no qual todos os detalhes da metáfora estendida devem encontrar uma contrapartida real adequada, incluindo algumas das interpretações do próprio Waltke.

O comentário de Waltke de que a sabedoria personificada envia servos femininos, e não masculinos, para retratar os professores desfrutando da maior proximidade e intimidade possível com a sabedoria, citação final, interpreta corretamente a metáfora por seu efeito retórico, e não por um suposto, inexistente, evento real. Isto pode estar parcialmente correto, mas talvez haja mais, como pretendo demonstrar com a ajuda de um comentário de William McKane. McKane, na minha opinião, erroneamente, aduziu que toda a cena em Provérbios 9, 1-6 é moldada no modelo da mulher estranha em Provérbios 7, 10-12, que McKane identificou como uma prostituta.

Como tal, a sabedoria personificada é retratada como uma antítese inventada da deusa do amor, e os motivos associados à deusa Astarte e aos seus devotos foram transferidos para a sabedoria e as suas servas. Não creio que haja alguma deusa real ou específica por trás da sabedoria personificada, conforme retratada em qualquer

um dos textos de sabedoria bíblica. No entanto, é possível que a metáfora tenha atraído deliberadamente várias características das divindades tradicionais por razões retóricas.

Seu retrato inclui dicas sutis que lembram divindades femininas para pintar a sabedoria personificada de uma forma misteriosa, quase divina e, portanto, atraente e fascinante, a fim de atrair a atenção de jovens homens. Se for esse o caso, então suas servas podem de fato simbolizar mulheres reais. Estas mulheres não são, no entanto, devotas de culto ou divindades femininas, mas simbolizam uma imagem idealizada de jovens pertencentes a famílias respeitadas, na sociedade tradicional israelita, que teriam sido educadas de acordo com os valores que a sabedoria personificada representa e são, portanto, suas servas.

Por outras palavras, os jovens que seguirem o convite da sabedoria personificada encontrarão na sua casa metafórica jovens mulheres elegíveis que defendem os valores da sabedoria. Ou, dito de outra forma, ainda assim, mulheres jovens de caráter respeitável serão atraídas por homens jovens que defendem os valores da Sabedoria. Conseqüentemente, os jovens que desejam se casar com mulheres sábias, os tipos de mulheres retratados em Provérbios 31, 10-31, precisam provar que são dignos das mulheres que desejam.

E a maneira de provar que são dignos é seguir o convite da sabedoria para aprender e se tornar sábio. É nesse sentido, então, que as moças sábias são servas da sabedoria personificada que convidam rapazes imaturos.

Este é o Dr. Knut Hein em seu ensinamento sobre o Livro dos Provérbios. Esta é a Sessão 7, Metáforas e Sabedoria Personificada, Parte 2.